

CRÍTICA marxista

Marxismo analítico e classes sociais
Fabien Tarrit

Gramsci e a crítica à teoria das elites
Luciana Aliaga

A cultura cívica de uma perspectiva marxista
Jerzy J. Wiatr

**Documento: o uso das máquinas no
neocapitalismo**
Raniero Panzieri

Dossiê: A crise política no Brasil

42

– Cefet / Marly Vianna – Universo / Mathias Seibel Luce – UFRGS / Maurício Gonçalves – Cientista Social / Maurício Sabadini – UFES / Maurício Vieira Martins – UFF / Mauro Iasi – UFRJ / Miguel Gonçalves Trujillo – Professor de História / Milton Pinheiro – UNEB / Muniz Ferreira – UFBA / Nádia Fialho – UFPA / Nelson Prado Alves Pinto – Unicamp / Norma Alcântara – UFAL / Osvaldo Coggiola – USP / Paulo Barsotti – FGV / Paulo Cunha – Unesp / Paulo Denisar Fraga – Unifal-MG / Paulo Nakatani – UFES / Pedro Chadarevian – Unifesp / Plínio de Arruda Sampaio Filho – Unicamp / Raul Carrion – Historiador / Regina Maneschy – Socióloga / Renato Perissinotto – UFPR / Ricardo Mueller – UFSC / Ricardo Musse – USP / Rodrigo Jurucê – UEG / Rodrigo Oliveira Fonseca – UFSB / Ronaldo Rosas Reis –

UFF / Santiane Arias – Cientista Político / Sérgio Lessa – UFAL / Sérgio Prieb – UFMS / Silvana Soares de Assis – Professora da rede pública / Silvio Costa – UCG / Simone Contente – UFPA / Simone Wolff – UEL / Sofia Manzano – UESB / Valério Arcary – IFSP / Vanderlei Souza Carvalho – Univasf / Vera Lúcia B. Gomes – UFPA / Vicente Gil – UFRJ / Vicente Rodriguez – Unicamp / Victor Hugo Klagsbrunn – UFF / Virgínia Fontes – UFF / Vivian Aranha Sabóia – UEMA / Wilma Pessôa – UFF / Wolfgang Leo Maar – UFSCar

In memoriam

Ciro Flamarion / Clóvis Moura / Edgard Carone / Florestan Fernandes / Isaac Akcelrud / Jacob Gorder / Maurício Tragtenberg / Nelson Werneck Sodré / Reinaldo Carcanholo / Silvio Frank Alem

Colaboradores internacionais

Alfredo Saad Filho – Inglaterra / Ângelo Novo – Portugal / Atilio Borón – Argentina / Domenico Losurdo – Itália / Ellen Wood – Canadá / Fredric Jameson – Estados Unidos / Gérard Duménil – França / Guido Oldrini – Itália / Guillermo Foladori – Uruguai / István Mészáros – Inglaterra / Jacques Bidet – França / James Green – Estados Unidos / James Petras – Estados Unidos / Joachim Hirsch – Alemanha / Marco Vanzulli – Itália / Maria Turchetto – Itália / Michael Löwy – França / Michel Ralle – França / Nicolas Tertulian – França / René Mouriaux – França / Ronald Chilcote – Estados Unidos / Serge Wolikow – França / Victor Wallis – Estados Unidos / Vittorio Morfino – Itália

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

REVISTA CRÍTICA MARXISTA

Armando Boito Jr.
Centro de Estudos Marxistas (Cemarx)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Distrito de Barão Geraldo
Rua Cora Coralina, 100
13.083-896 – Campinas – São Paulo – Brasil

Endereço na Internet:

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

Sumário

ARTIGOS

Marxismo analítico e classes sociais 9
Fabien Tarrit

Gramsci e a democracia nos *Cadernos do cárcere*: a crítica à teoria das elites 27
Luciana Aliaga

A crítica ao duplo revisionismo nos *Cadernos do cárcere*..... 47
Anita Helena Schlesener

Apresentação: Marxismo e cultura política 63
Daniilo Enrico Martuscelli

A cultura cívica de uma perspectiva marxista-sociológica 67
Jerzy J. Wiatr

Sodré e a dialética da formação social brasileira 85
Marcos Del Roio

COMENTÁRIOS

Heidegger “inocente”: um exorcismo da esquerda pós-moderna..... 103
Stefano G. Azzarà

“Viagem ao coração das trevas” do capitalismo..... 113
Anselm Jappe

DOCUMENTO

Apresentação..... 125
Marco Vanzulli

Sobre o uso capitalista das máquinas no neocapitalismo 129
Raniero Panzieri

DOSSIÊ A crise política no Brasil

Apresentação..... 145

Junho de 2013 a 2015: as “placas tectônicas” começaram a se mover?	147
<i>Valerio Arcary</i>	
A crise política do neodesenvolvimentismo e a instabilidade da democracia... 155	
<i>Armando Boito Jr.</i>	
Brasil: variáveis estratégicas	163
<i>Valter Pomar</i>	
Avanços, contradições e limites dos governos petistas	171
<i>Alfredo Saad Filho</i>	
Contribuição para entender a crise atual no Brasil	179
<i>Jorge Almeida</i>	

RESENHAS

O outro Ocidente: sete ensaios sobre a filosofia da libertação, com um Prólogo de Enrique Dussel [Antonino Infranca]	187
<i>Marco Vanzulli</i>	
O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder [Jaime Osorio]	191
<i>Maíra Machado Bichir</i>	
Aço vermelho: os segredos da vitória soviética na Segunda Guerra Mundial [João Cláudio Platenik Pitillo]	195
<i>Augusto César Buonicore</i>	
Darwinisme et marxisme [Patrick Tort e Anton Pannekoek]	199
<i>Breno Viotto Pedrosa</i>	
Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade [Jörn Schütrumpf (org.)]	203
<i>Thiago Fernandes Franco</i>	
Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III [Ricardo Antunes (org.)]	207
<i>Edilson José Graciolli</i>	
Sem maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos [Ludmila Costhek Abílio]	211
<i>Thaís Lapa</i>	
Mulher, Estado e revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936 [Wendy Goldman]	215
<i>Joana El-Jaick Andrade</i>	

INFORMAÇÕES E NORMAS PARA COLABORAÇÃO	219
--	-----

O outro Ocidente: sete ensaios sobre a filosofia da libertação, com um Prólogo de Enrique Dussel

ANTONINO INFRANCA

Marília: Práxis, 2014, 230p.

Marco Vanzulli*

O outro Ocidente, obra de Toni Infranca que aparece agora em português, reedição revista de um texto publicado antes em espanhol (2000), depois em francês (2004) e finalmente em italiano (2010), é constituído por uma série de ensaios. A abordagem da Filosofia da Libertação é seu tema principal. O livro representa uma introdução à reflexão de Enrique Dussel na qual, como diz o mesmo Dussel no Prólogo, Infranca “acrescenta algo de seu, o novo, abre novos e espaçosos caminhos ao próprio autor comentado, interpretado, usado”. Nos ensaios que compõem o livro, o pensamento de Dussel é exposto através de uma aproximação aos autores latino-americanos que tornaram objeto de reflexão e ponto de força a especificidade de uma posição latino-americana do pensamento (Darcy Ribeiro, Leonardo Boff, Rodolfo Kusch, Paulo Freire) e, desta maneira, é esclarecida a diferença entre a posição dusselliana e a Teologia da Libertação.

A Filosofia da Libertação não se propõe a ser uma mera arte crítica. De fato, segundo Dussel, a Filosofia da Libertação pretende desenvolver um “discurso latino-americano alternativo” e ao mesmo tempo realizar uma renovação fiel à substância do pensamento de Marx. Esse segundo aspecto é reivindicado por diversos marxismos do século XX, inclusive por aqueles que mais parecem ter

* Professor da Universidade de Milano-Bicocca. E-mail: mrc.vanzulli@gmail.com. Resenha traduzida do italiano por Plínio Freire Gomes.

se distanciado da inspiração marxiana sobre pontos de decisiva importância. A Filosofia da Libertação, como todo marxismo, acredita constituir um momento novo que reatualiza Marx, respeitando e potenciando seus traços específicos.

O esforço analítico realizado por Dussel sobre textos marxianos testemunha favoravelmente a genuidade dessa empresa. E, contudo, ele também se dirige a concepções filosóficas novecentistas, em si heterogêneas. Lendo os escritos de Dussel não se pode deixar de notar, nos contextos em que são explicitadas as categorias fundantes da Filosofia da Libertação, a forte presença sincrética das concepções e da terminologia de Heidegger, Ricœur, Lévinas, entre outros. Em particular, pode-se dizer que o aspecto distintivo da Filosofia da Libertação seja a utilização enfática da temática do *outro* de Lévinas, declinada em chave histórico-ética e anticapitalista, posta a serviço da *alteridade* latino-americana e contra o centralismo do capital. E não por acaso Infranca sustenta que “a ética que falta ao marxismo é a Ética da Libertação” (p.23) e que a “Filosofia da Libertação retoma, portanto, não apenas a força ética do marxismo, mas também as categorias sobre as quais se baseia a análise de Marx: estranhamento e alienção, exclusão, opressão, exploração” (p.32). É, porém, verdade que o ponto de vista do *outro* é posto numa perspectiva ética substituída pelo cristianismo, de modo a poder dizer que a Filosofia da Libertação tenta o enxerto sobre o marxismo de uma instância de tipo ético-religioso.

Dussel supõe que a categoria de “exterioridade” seja a “categoria por excelência” do pensamento marxiano, interpretada como reflexão que se faz análise concreta da realidade de dominação capitalista a partir do ponto de vista do excluído; razão pela qual Marx analisava, avaliava, julgava um sistema social a partir das vítimas que esse sistema produz para existir (p.50). Poder-se-ia perguntar se a noção de eurocentrismo (como defeito teórico imputado a Marx ou ao qual Marx, ao contrário, se subtrairia) acerta realmente no alvo ou é índice de um excessivo crédito de tipo hermenêutico dado ao elemento do sujeito interpretante (aqui o oprimido latino-americano) sobre a coisa interpretada. Em suma, Marx pode muito bem ser “latino-americano” sem deixar de ser “inglês”, na medida em que na sua obra encontramos as categorias críticas fundamentais sobre as quais basear-se para uma compreensão dos momentos “central” e “periférico” da superação do capital.

Dussel realiza uma redução de todas as categorias do pensamento filosófico ocidental a categorias de domínio – a própria “ontologia”, a qual é associada à nietzscheana vontade de potência, é condenada como filosofia de domínio. Trata-se talvez de uma aplicação *sui generis* da “destruição” da tradição ocidental tentada por Heidegger – com um sinal político evidentemente oposto em relação às posições reacionárias do filósofo alemão. Por outro lado, a soberba é certamente um aspecto caracterizante das categorias do pensamento ocidental moderno (sobretudo é seu *mauvais côté* quando se dirigem ao “outro”, externo e interno à sociedade ocidental, como mostra por exemplo a contra-história do liberalismo de Domenico Losurdo). Contudo, estas dão testemunho de sua dimensão civili-

zadora e emancipadora, utilizada e utilizável inclusive contra e além do projeto hegemônico da burguesia. O próprio Infranca de resto recusa a condenação que Dussel pronuncia contra a ética kantiana enquanto imperialista. Ainda mais porque a dificuldade de sair da tradição ocidental é evidente no caso de Dussel, cujas categorias se formam todas no interior da tradição ocidental da filosofia contemporânea, da qual utiliza a carga antimetáfrica (Heidegger, em particular). Deste modo, a totalidade da “tradição ocidental” é renegada enquanto “eurocêntrica”. Mesmo o “marxismo-leninismo” é recusado como um todo, porque produtivista, antiecológico, machista e burocrático. Tem-se a impressão que a recusa do “marxismo-leninismo” seja estendida a boa parte dos marxismos novecentistas. Essa indiferença em relação ao complexo das tradições marxistas do século XX por parte da Filosofia da Libertação devem ter as raízes não marxistas da filosofia de Dussel, uma filosofia que se encontra, sobretudo, numa relação de assimilação e de diálogo (ainda que marcado por tentativas de recusa e distanciamento) com outras tradições do século XX (sobretudo a hermenêutica).

Com essa especificidade, a Filosofia da Libertação revela-se como uma perspectiva privilegiada para olhar não apenas a América Latina, mas a própria realidade europeia, o “centro”, permitindo colher a ambiguidade do Ocidente, emancipador no “centro” e opressor na “periferia”. Dessa maneira, Infranca faz continuamente bem ao chamar atenção dos intelectuais europeus contra o complexo de superioridade com o qual julgam o nível teórico dos colegas latino-americanos – este, sim, em muitos casos, exemplo de eurocentrismo deteriorado e totalmente autoreferencial. Infranca critica a Ética do Discurso de Karl Otto Apel, cuja comunidade de comunicação ideal é completamente abstrata e recalcada sobre distinções sociopolíticas dominantes, sendo, portanto, uma comunidade que exclui o excluído. Em particular, é recusada a tentativa de associação entre Ética do Discurso e Filosofia da Libertação, esta última submetida, a partir dessa operação, a uma espécie de esvaziamento teórico, reduzida à extrema genericidade, como é próprio do discurso da pura racionalidade interumana (p.169). Isso porém justifica uma dicotomia como a expressa na p.222: “O intelectual latino-americano, como Dussel, que denuncia a ‘ocultação do Outro’ metodicamente realizada pelo Primeiro Mundo pertence a uma comunidade real, mas o intelectual europeu ou do Primeiro Mundo à qual comunidade pertence?” – a menos que Infranca não se refira ao pertencimento dos intelectuais do “Primeiro Mundo” à *scheinbare Gemeinschaft* (comunidade aparente), à qual segundo Marx os indivíduos até agora pertenceram. Além disso, porém, estamos seguros de que os próprios intelectuais latino-americanos não pertençam a essa comunidade aparente, que é, como diz sempre Marx na mesma passagem da *Ideologia alemã*, um sucedâneo de comunidade que permite uma liberdade apenas no interior das relações de classe?

Palavras-chave: Enrique Dussel, Filosofia da Libertação, marxismo ocidental.

A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma "imensa coleção de mercadorias", e a mercadoria individual como sua forma elementar.
MARX, O capital

ARTIGOS

Marxismo analítico e classes sociais

Fabien Tarrít

Gramsci e a democracia nos *Cadernos do cárcere*: a crítica à teoria das elites

Luciana Aliaga

A crítica ao duplo revisionismo nos *Cadernos do cárcere*

Anita Helena Schlesener

Marxismo e cultura política

Danilo Enrico Martuscelli

A cultura cívica de uma perspectiva marxista-sociológica

Jerzy J. Wiatr

Sodré e a dialética da formação social brasileira

Marcos Del Roio

COMENTÁRIOS

Heidegger "inocente": um exorcismo da esquerda pós-moderna

Stefano G. Azzarà

"Viagem ao coração das trevas" do capitalismo

Anselm Jappe

DOCUMENTO

Apresentação

Marco Vanzulli

Sobre o uso capitalista das máquinas no neocapitalismo

Raniero Panzieri

DOSSIÊ

A crise política no Brasil

Apresentação

Marco Vanzulli

Junho de 2013 a 2015: as "placas tectônicas" começaram a se mover?

Valerio Arcary

A crise política do neodesenvolvimentismo e a instabilidade da democracia

Armando Boito Jr.

Brasil: variáveis estratégicas

Valter Pomar

Avanços, contradições e limites dos governos petistas

Alfredo Saad Filho*

Contribuição para entender a crise atual no Brasil

Jorge Almeida

RESENHAS

O outro Ocidente: sete ensaios sobre a filosofia da libertação, com um Prólogo de Enrique Dussel [Antonino Infranca]

Marco Vanzulli

O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder

[Jaime Osorio]

Maira Machado Bichir

Aço vermelho: os segredos da vitória soviética na Segunda Guerra Mundial

[João Cláudio Platenik Pitillo]

Augusto César Buonicore

Darwinisme et marxisme

[Patrick Tort e Anton Pannekoek]

Breno Viotto Pedrosa

Rosa Luxemburgo ou o preço da liberdade

[Jörn Schütrumpf (org.)]

Thiago Fernandes Franco

Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III

[Ricardo Antunes (org.)]

Edilson José Gracioli

Sem maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos

[Ludmila Costhek Abílio]

Thais Lapa

Mulher, Estado e revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936

[Wendy Goldman]

Joana El-Jaick Andrade

ISSN 0104-9321



9 770104 932156 42